

## COMPREENDENDO A CONCEPÇÃO DE CAMPO ENTRE ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL JORCELINO ALVES BARBOSA

SQUIAVE, Hyago Ernane Gonçalves  
RODRIGUES, Silvaci Santiano Gonçalves

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar parte da experiência vivida no Estágio Supervisionado enfatizando o trabalho da representação por desenhos com o intuito de compreender a concepção do conceito de “campo” para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa em Iporá – Goiás. O Estudo se caracteriza como qualitativo, desenvolvido a partir da técnica da pesquisa participante. Os principais teóricos que recorremos para elaborar este artigo foram, Endlich (2010), Santos (1993) e Bernardelli (2010). O ensino de Geografia por meio de seu componente curricular é indispensável na formação do cidadão crítico, reflexivo e atuante na sociedade em que vivemos, contudo o professor deve ser nesse processo, o mediador do conhecimento. Sabe-se que dia após dia o espaço geográfico sofre transformações a todo instante, portanto, não se deve ignorar o fato de que o aluno precisa conhecer o mundo, analisá-lo e resolver problemas do seu dia a dia. Sabemos que a construção dos conceitos se dá pela reelaboração de conceitos cotidianos e científicos. Percebemos a partir dos referenciais por nós utilizados que o conceito de campo na atualidade é definido sob o paradigma tradicional, o qual não leva em consideração a inter-relação entre o campo e seu entorno e muito menos com o mundo. Outra questão em relação ao campo é que as abordagens atuais são muitas, devido as mudanças ocorridas e por vezes desconhecidas na escola. Portanto é necessário compreender o que os alunos trazem de conhecimento para inserir o conceito científico de modo a tornar a aprendizagem significativa.

**Palavras Chave:** Formação de professores. Estágio supervisionado. Conceito de campo.

### INTRODUÇÃO

Faz-se necessário neste trabalho, discorrer sobre o conceito de campo, pois atualmente vive-se em um mundo em que este espaço vem sendo explorado em função do capitalismo. Entende-se que especialmente no Brasil, o campo é visto apenas como *locus* da produção, porém não se considera que ele é também espaço de vivência, de permanência de pessoas que vivem no e do campo.

É necessário compreender qual a concepção dos alunos sobre o conceito de campo, pois, sabe-se que este espaço tem se transformado nas últimas décadas, excepcionalmente a partir de 1960 até 2015. Essas transformações têm ocorrido com o consentimento da sociedade, que incorporou a ideologia desenvolvimentista da modernização do campo, da produção em grande escala para exportação, para a ampliação do capitalismo, o que acarreta a geração das contradições sociais.

Depreende-se que, à Geografia cabe pensar a formação crítica dos alunos, desenvolvendo neles, as capacidades de analisar, comparar, interpretar fenômenos espaciais que ocorrem no campo brasileiro e as relações desta porção de espaço com seu entorno e com o mundo. Contudo por vezes não se consegue trabalhar de modo a formar esse aluno com essas capacidades.

Entende-se que o estágio é importante, pois nos proporciona momentos em que aprendemos a lidar com a sala de aula e desenvolver metodologias e estratégias para ensinar. Esses momentos nos possibilitam pensar a prática e sobre a prática.

O Estágio Supervisionado em Geografia II, nos demonstrou que o professor de Geografia tem um papel extremamente importante como mediador no processo de ensino e aprendizagem e, cabe a ele exercer suas habilidades para que o conteúdo seja voltado à realidade de seus alunos, pois, no confronto entre os conceitos cotidianos e científicos ocorre a reelaboração destes e, nessa perspectiva ocorre o ensino significativo, o que propicia a efetiva construção do conhecimento.

Entende-se que a prática do Estágio Supervisionado em Geografia traz para a realidade do acadêmico em formação aquilo que ele vai trabalhar no futuro.

A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social. [...] são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação de teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas. (SAIKI; KIM; GODOI 2007, p. 26-27)

No contexto do Estágio Supervisionado, resolveu-se abordar a concepção de campo, usando a metodologia dos desenhos, pensando em compreender o que os alunos possuem enquanto conhecimento prévio sobre o referido conceito, para posteriormente

trabalhar o conceito científico. Para Santos (2013, p. 195), “Trabalhar com desenhos é trabalhar com novas formas de ver e compreender as ‘coisas’ e verificar-comprovar as próprias ideias. O indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio”.

Portanto o objetivo desse trabalho é compartilhar parte da experiência vivida no Estágio Supervisionado enfatizando o trabalho da representação por desenhos com o intuito de compreender a concepção do conceito de “campo” para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa em Iporá – Goiás.

## **METODOLOGIA**

O estudo aqui realizado se caracteriza por ser qualitativo, a partir da técnica da pesquisa participante que para Queiroz:

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. (QUEIROZ, et al, 2004, p. 278).

Nesse sentido, a pesquisa ocorreu a partir da observação e atuação direta do observador, em um processo de interação entre teoria e a prática a qual promove a transformação ou implementação de mudanças no meio pesquisado e no pesquisador.

Após a fase de observação, o primeiro conteúdo ministrado aos alunos do 7º ano na escola Jorcelino Alves Barbosa durante a regência foi urbanização e logo após, trabalhou-se “o meio rural”. Entretanto, ao analisar o conteúdo do livro didático, os quais deveriam ser seguidos a pedido da professora regente, atinou-se a pensar nos desenhos. Neste material, o conteúdo é bem limitado e a maioria deles voltados para a modernização no campo.

Para proporcionar aos alunos aulas prazerosas e diferenciadas, solicitou-se aos alunos o uso do papel chamex A4, lápis de escrever e lápis de cor para confeccionar os desenhos. Após confeccionados e analisados, ministrou-se os conteúdos propostos sobre o meio rural, entre eles o conceito de campo. Infere-se a importância deste trabalho, pois os resultados permitiu trabalhar de maneira mais dinâmica e aprofundada em sala de aula, proporcionando ao aluno um maior interesse em aprender o conteúdo, pois, conseguiu-se trabalhar convergindo o abstrato, que seria o científico e o real, o

cotidiano. Contudo, para ilustrar a concepção de campo dos alunos, selecionou-se apenas três desenhos para ser analisados neste trabalho, devido a limitação de páginas imposta pelo evento.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabe-se que a geografia está sempre presente em nossas vidas. A todo o momento ocorrem práticas geográficas, e por isso ocorre às vezes até sem se dar conta, portanto o aluno deve ter consciência dos fenômenos espaciais para atuar nele. Para que o professor e também o estagiário consigam remeter ao aluno essa consciência espacial é muito importante conhecerem o cotidiano da escola, dos alunos na instituição escolar e a comunidade em que a escola está inserida. Ademais, o futuro professor deve conhecer bem a sua área de formação, para ser mediador durante as etapas de escolarização do aluno. Pondera-se que os alunos devem ser estimulados a conhecer o mundo, e a partir do conhecimento construído na escola, produzir os novos conhecimentos que conseqüentemente os auxiliarão nas práticas sociais e geográficas do cotidiano.

Nessa perspectiva Callai diz que:

No processo de construção do conhecimento, o aluno, ao formular seus conceitos, vai fazê-lo operando com os conceitos do cotidiano e os conceitos científicos. Em geral, todos têm conceitos formulados a respeito das coisas, e a tarefa da escola é favorecer a reformulação dos conceitos originários do senso comum em conceitos científicos. (CALLAI, 2006, p. 104)

A própria vivência do aluno já o proporciona um conhecimento de mundo. Para a construção do conhecimento e conseqüentemente dos conceitos, é necessário o professor pensar estratégias de como interligar os conceitos cotidianos e científicos.

Para Santos (2013), “Quando da aquisição de um conceito científico, então, os conceitos cotidianos ganham mais abrangência e generalidade”. A partir do momento que o aluno vai se envolvendo com os conceitos em níveis diferenciados, seu conceito científico vai se modificando e se ampliando fazendo se compreensíveis às realidades, compreendendo as mudanças ocorridas no espaço geográfico.

Sabe-se que atualmente o campo tem passado por inúmeras transformações, especialmente nas últimas décadas. Percebe-se que o processo de modernização do

campo, iniciado a partir da década de 1950 tem sido um dos fatores preponderantes neste processo. Não se deve entender esse fenômeno com algo isolado, como se o poder do capital não fizesse a diferença em tais transformações. Em função da acumulação capitalista, as classes dominantes têm trabalhado o incessantemente para que esse processo evolua mais e mais.

É necessário trabalhar de modo que os alunos consigam decifrar esse mundo e possam pensar o espaço em que vivem, para atuarem em busca de melhorias sociais, compreendendo as mudanças engendradas pelas relações capitalistas, que fazem do campo um espaço cada dia mais moderno. O processo pelo qual o campo vem passando tem expropriado famílias, as quais são obrigadas a saírem do campo para as cidades.

Esse fenômeno engendra sérios problemas sociais, pois as famílias que migram e, em sua maioria, não conseguem boas moradias, nem terrenos centralizados nas cidades. Eles são obrigado a viver nas periferias, onde enfrentam problemáticas como, a violência, a prostituição a falta de saúde e educação precária, entre outros problemas que foram todos destacados em sala de aula após saber a concepção deles sobre o conceito de campo.

Nesse sentido, o Componente Curricular de Geografia, a partir da mediação do professor, deve exercer o papel de formador de alunos que possam participar ativamente do processo de transformação da sociedade em que vivem.

O educando deve entender que o meio rural está interligado ao urbano, uma relação de simbiose onde o campo precisa das cidades, e as cidades precisam do campo. Em se tratando dessa relação entre cidade e campo Lefebvre *apud* Sobarzo (2010) diz que as relações entre cidade e o campo estão se transformando:

Atualmente a relação cidade-campo se transforma, aspectos importantes de uma mutação geral. Nos países industriais, a velha exploração do campo circundante pela cidade, centro de acumulação do capital, cede lugar a forma mais sutis de dominação e de exploração, tornando – se a cidade um centro de decisão e aparentemente de associação. Seja o que for a cidade em expansão ataca o campo, corroí-o dissolve-o. [...] a vida urbana penetra na vida camponesa despojando – a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que desaparecem em proveito dos centros urbanos (comerciais e indústrias, rede de distribuição, centro de decisão etc.) as aldeias se ruraliza perdendo a especificidade camponesa. Adaptam seu ritmo ao ritmo da cidade, mais resistindo ou recuando às vezes ferozmente sobre si mesmas. (LEFEBVRE, *apud* SOBARZO, 2010, p.56)

Portanto é extremamente necessário abordar o conceito de campo na perspectiva de compreender que campo e cidade não são espaços dicotômicos, mas espaços em que as inter-relações provocam mudanças significativas tanto em um quanto o outro.

Nesse contexto, entende – se que, o ensino de geografia por meio de seu Componente Curricular deve formar o aluno para compreender e apreender o campo em suas diversas abordagens.

A proposta de elaboração de desenhos para compreender a concepção dos alunos sobre o campo resultou em alguns trabalhos que merecem ser discutidos. Esta proposta se justifica a partir de teóricos como Santos (2013) que defende essa metodologia, pois, segundo ele, desenhar colabora com o aluno no desenvolvimento do potencial informacional do mundo, trazendo a comunicação visual que se difere da escrita. Ele afirma que na maioria das vezes se esquece do visual preocupando muito com os vocabulários.

O autor supracitado diz que os desenhos revelam muito sobre a natureza humana e, eles são resultados de experiências vividas, eles envolvem momento de percepção que são construídos pela ação dando resultado à expressão gráfica na tentativa de traduzir o ato.

Em todos os trabalhos elaborados pelos alunos percebeu-se um modelo de campo muito tradicional, em que os alunos retrataram a paisagem rural caracterizada como um campo do camponês, com casas simples, árvores, montanhas, animais e alguns com carros em garagens.

A proposta de campo presente no livro didático se difere da concepção dos alunos. Contraditório aos livros, na concepção dos alunos infere-se a visão de campo do camponês e não o campo do agronegócio<sup>28</sup>. É possível que esta visão esteja atrelada à realidade deles, pois a região em que vivem predomina o campo do camponês.

---

<sup>28</sup> Para Fernandes; Molina (2009) existem dois tipos de campo. O campo do agronegócio e o campo do camponês. O primeiro é caracterizado pelos poucos elementos que compõem a paisagem rural. Enquanto o campo do camponês é caracterizado pela diversidade de elementos que compõem a paisagem rural.

Por um lado isso é importante, pois percebe-se que o aluno ainda não absorveu a ideologia contida nos livros didáticos, por outro lado, não conhecem a realidade do campo brasileiro atual. A visão de campo intensamente transformado pelo capitalismo pode ser percebida mediante estudo crítico da realidade nacional que não a presente no cotidiano dos alunos.

O livro didático trabalhado, *Projeto Telaris*, traz imagens supervalorizando o campo do agronegócio, com tecnologias avançadas, retratando o que de fato está acontecendo nos dias atuais. Porém, mesmo com o advento das tecnologias, produções agrícolas e o processo latifundiário, existem os camponeses, que vivem basicamente da atividade de subsistência, e são responsáveis pela produção da maioria dos produtos por nós consumimos diariamente. Todavia, esse campo pouco é retratado no livro didático trabalhado e não pode ficar alheio aos alunos.

É preciso levar o aluno a pensar de modo crítico o espaço em que vive. Compreender os fenômenos que ocorrem no campo; entender a nova visão de campo, também, os dois espaços (campo e cidade) como complementares e não dicotômicos. Pensar no campo do agronegócio e no campo do camponês, enfim, aprender a pensar e apreender o campo em suas diversas perspectivas.

Sobre aprender a pensar, Callai diz que:

Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo. (CALLAI, 2006 p. 93)

Nessa perspectiva ocorreu a proposta da elaboração dos desenhos e para compreender o que os alunos pensavam para posteriormente auxiliá-los na construção do conhecimento. Como já mencionado no texto, selecionou-se apenas três dos desenhos para ilustrar a concepção deles sobre o conceito de campo.



Figura 1 - Representação do campo elaborada por uma aluna do 7º ano da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa  
Fonte: SQUIAVE, Hyago Ernane Gonçalves.

A figura 1, retrata bem a visão tradicionalista sobre o meio rural. Somente uma casa simples, um rio e um relevo montanhoso. Deve-se entender que contrário à essa percepção, o meio rural sofreu uma série de alterações, tanto tecnologicamente, quanto no processo de latifundiários. Hoje há muita terra concentrada nas mãos de poucas pessoas, enquanto a maioria da população que precisa da terra para viver, não lhes é concedida.

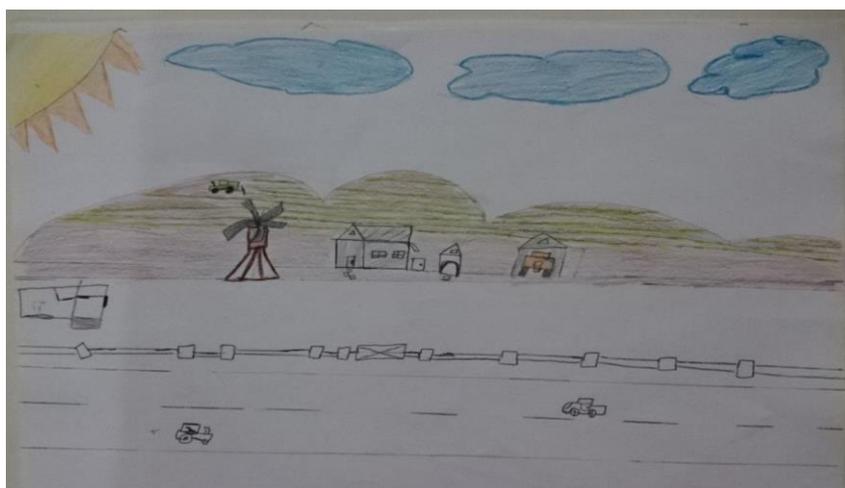


Figura 2 – Representação do campo elaborado por um aluno do 7º ano da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa.  
Fonte: SQUIAVE, Hyago Ernane Gonçalves, 2015.

A figura 2, representa o campo um pouco diferente. Percebe-se que há uma casa mais sofisticada, uma garagem para guardar maquinários agrícolas, o moinho de

ventos, a rodovia bem próxima à residência. Percebe-se o trator trabalhando a terra. Aqui fica evidente a concepção de campo um pouco mais modernizado.

Analisando os desenhos, percebe-se que a maioria entende que o campo tem como único objetivo que é a produção de alimentos. Contudo, teóricos afirmam que existe hoje um “novo rural”, o qual possui múltiplas atividades que são desenvolvidas, tais como hotéis, clubes e resorts, ou seja, falamos hoje das multifuncionalidades no campo. Segundo Endlich (2010, p. 17), “Atualmente, os defensores do novo rural alertam para as múltiplas atividades que estão sendo desenvolvidas no campo, além das primárias.” Contudo, embora existam outras funções no campo, não se pode equivocar. Em se tratando de atividades turísticas, estas visam atender o capitalismo, pois quem procura esses espaços com certeza não são pessoas de classe baixa.



Figura 3 – Representação do campo elaborado por uma aluna do 7º ano da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa.

Fonte: SQUIAVE, Hyago Ernane Gonçalves, 2015.

De acordo com a figura 3, a concepção já muda um pouco em relação às demais. Aqui a representação de campo refere-se ao campo mais avançado. Embora não ocorra a presença de máquinas agrícolas, a modernização revela-se nas plantações e nas casas que se aproximam das existentes nos latifúndios produtivos. As casas todas iguais se assemelham aos denominados “retiros” existentes nas grandes propriedades, onde residem os trabalhadores. Percebe-se ainda, a presença da escola, induzindo ao entendimento de que, sendo ela uma escola em grande propriedade, serviria apenas para

os filhos dos trabalhadores, pois, os filhos dos proprietários não vivem no campo e sim nas cidades, portanto não dependeriam dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs compreender a concepção de campo que os alunos da Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa possuíam antes das aulas de Geografia. De modo geral, pela representação nos desenhos, os alunos tem a concepção de um campo tradicional. Partindo desse conhecimento, foi trabalhado um pouco mais o meio rural mais moderno, porém fazendo sempre o paralelo entre este e o tradicional. Que embora a tecnologia exista e esteja materializada no campo, facilitando e possibilitando a vida dos que ali vivem, ela também pode ser uma vilã, pois muitos não tem condições de adquiri-la e acaba perdendo seus espaços para os que têm.

Portanto, nas aulas foi destacado o conceito de campo, sua definição e também os problemas das tecnologias, os impactos negativos que elas engendram aos camponeses que não tem acesso de forma igual aos grandes proprietários de terra. Portanto, é necessário ressaltar que visão tradicional deve ser superada, pois, existem em alguns lugares, mais tecnologia e desenvolvimento no campo do que algumas cidades, isto depende de como o capital se materializa.

Os desenhos revelaram que é importante desenvolver metodologias que contribuíssem para a execução da aprendizagem significativa, pois, a partir deles pode se perceber a visão prévia do conceito de campo entre os alunos e posteriormente trabalhar o conceito científico. Ampliando o nível do conceito cotidiano, dando capacidade ao aluno de atuar em seu espaço de vivência.

As aulas ministradas na regência do Estágio Supervisionado II, contribuiu para o crescimento. Considera-se que, a partir deste momento teve-se o real contato com a sala de aula, onde se pôde viver as experiências do “ser professor.” Portanto, pensar estratégias para planejar e executar as aulas é extremamente relevante.

## REFERÊNCIAS

BERNARDELLI, Mara Lucia Falcon da Hora. Contribuições ao debate sobre o urbano e o rural. In: **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural.**



ISSN: 2238-8451

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; Whitacker, Arthur Magon. 2º ed. Expressão Popular. São Paulo, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

ENDLICH, Angela Maria. Perspectiva sobre o urbano e o rural. In: **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; Whitacker, Arthur Magon. 2º ed. Expressão Popular. São Paulo, 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo**. 2009. Disponível em:  
<<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMolinaBernardoEC5.pdf>>. Acesso em: 02 Nov. 2015.

QUEIROZ, Danielle Teixeira, *et al.* **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco; 2004. P. 278-283. Disponível em: <[www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf](http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf)> Acesso em 02 Nov. 2015.

SAIKI, Kim & GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. IN: PASSINI, Elza Yasuko et al (org). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. 1. Ed. São Paulo: Hucitec, 1993.  
SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Clézio. O uso de desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSHKA, Nídia, Nacib; OLIVEIRA, Oriovaldo Umbelino (orgs). **Geografia em perspectiva**. Editora Contexto, 4 ed. São Paulo. Contexto, 2013.

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; Whitacker, Arthur Magon. 2º ed. Expressão Popular. São Paulo, 2010.